

## **Carta endereçada a Práxis psicanalítica: formação, transmissão e ensino**

**Jorge Berlaffa**

Médico, especialista em psiquiatria, Psicanalista e Doutor em Ciências Sociais. Chefe de Departamento de Medicina Interna, Hospital San Antonio de Pádua, Río Cuarto (Córdoba — Argentina). Docente titular na Universidad Siglo 21. Instructor Hospitalário em Carreira de Medicina, Faculdade de Ciências Médicas na Universidad Nacional de Córdoba.

Coordenador Docente da Residência Interdisciplinar em Saúde Mental no Ministério de Saúde de Córdoba.

**Instituição atual:** Universidade Siglo 21.

### **Introdução**

O presente texto é uma carta endereçada a Práxis psicanalítica, em resposta do autor a uma reunião realizada pela comissão de formação e ensino, na qual se tratava sobre a formação do psicanalista e a orientação de ensino e transmissão da instituição em questão.

A reunião ocorreu de forma virtual pela plataforma Google Meet no dia 21 de maio de 2022. Estiveram presentes na reunião: Rosane Albuquerque Costa, Cláudio Adolph, Zeno Germano de Souza Neto, Jorge Berlaffa e Tadeu Oliveira de Aguiar.

A pauta central da reunião foi discutir sobre a formação do psicanalista e qual seria a orientação da práxis como instituição no que se refere a formação do psicanalista e seu estilo de formação e ensino.

Berlaffa, endereça uma carta aos colegas da comissão, em resposta aos assuntos tratados no dia da reunião. Nessa carta conceitos como: política, ato e transmissão são destacados pelo autor.

### **Caros amigos.**

Depois da reunião de ontem eu estava pensando em algumas coisas. Embora às vezes tenha sido difícil para mim acompanhar o diálogo, mas em geral, acho que entendi bem o que foi discutido. Peço desculpas se neste escrito reitero algo que foi discutido, se isso acontecer será a prova de que me perdi em certas partes da reunião. Vou me expressar de forma coloquial porque está escrita é simplesmente um agregado do que não consegui expressar verbalmente.

Acho que um aspecto importante a ter em mente é que todo ato de ensinar é também um ato político. Considero que o ensino não é um simples fato pedagógico, mas que, além disso, e antes do puramente técnico, tem uma dimensão ética e política. Seria interessante se na Práxis pudéssemos estabelecer uma posição política em relação à psicanálise e seu ensino com a qual se exprima uma congruência entre os conteúdos que transmitimos e a forma como os transmitimos.

Nesse sentido, acho que já ouvi que Rosane, em certo momento, falou algo sobre democracia, aderindo totalmente a essa premissa institucional que raramente se encontra nas escolas tradicionais, onde as hierarquias e a forma piramidal de autoridades entre seus membros representam uma estrutura institucional adequada mais à doutrinação do que à formação de analistas.

Outra definição política que me parece interessante (acho que lembro que Tadeu mencionou especificamente esse tema) é desconstruir o caráter elitista tanto da pregação quanto da prática psicanalítica. Em vez disso, a proposta é desenvolver a psicanálise no campo popular.

No aspecto intelectual, não é necessário apresentá-lo como um discurso erudito, fechado, impenetrável e cheio de enigmas intelectuais, características que não motivam interesse, mas às vezes produzem rejeição. E no aspecto prático é importante transmitir que a psicanálise não é uma cena de divã, mas uma prática social que tem um potencial capaz de ultrapassar os limites da prática privada.

Ser psicanalista não consiste em uma referência pessoal aos nomes próprios dos autores (Freud, Lacan, Klein), mas a uma perspectiva clínica, uma posição política e uma matriz epistemológica, tudo isso forma um arcabouço sólido com o qual podem ser práticas sustentadas em várias áreas da vida, não apenas no consultório. Há também uma clínica no social, que tem sua própria modalidade e práticas.

Os analistas têm que se perguntar o que é necessário na formação, mas também que formação é necessária considerando a situação atual da psicanálise. Em "A psicanálise e seu

ensino", Lacan pergunta "Como ensinar o que a psicanálise nos ensina?" Nos dispositivos de ensino, como na clínica, temos que levar em conta a relação do sujeito com o significante, que nos ajudará a evitar o princípio oposto, a relação do eu com a verdade, que leva a um efeito de identificação imaginária com o didático (o professor), como ocorre nas escolas com a figura do líder ou diretor que assume as funções organizacionais e intelectuais, e muitas vezes acaba por encarnar um significante absoluto.

A psicanálise é uma práxis artesanal, tanto na clínica quanto na sua transmissão. O papel do analista na transmissão passa pelo rigor do professor e pela criatividade do artesão.

Cláudio propôs uma base de formação que funciona como um lugar comum e um referencial. Para isso, os textos fundadores ainda são necessários e não podemos prescindir de sua leitura rigorosa. Leitura rigorosa não significa, para mim, reproduzir conteúdo como se fossem fórmulas ou receitas de Freud e Lacan, considero que essa é uma ideia errônea de fidelidade à teoria.

Assim como a fidelidade aos textos é necessária, a leitura crítica deles também é importante. A crítica não tem um propósito destituído, pelo contrário, é o que permite que a psicanálise produza e cresça. Isso se consegue transmitindo a ideia de ampliar o campo de leitura mesmo de autores não psicanalistas.

Zeno está fazendo uma rota, um trabalho por Ferenczi, suas contribuições são muito interessantes além de irruptivas, ele foi analisado com Freud e foi analista de M. Klein. O que a rota nos traz alguém contemporâneo de Freud que mais tarde foi seu amigo e colega de confiança? A questão é recriar a psicanálise em cada ato de ensinar, para mim isso é transformar ensino em transmissão, é transformar um ato acadêmico em ato analítico.

É nisso que consiste o trabalho artesanal do analista, num "saber fazer" que tem a referência do que já foi dito, mas a marca da reinvenção segundo o meu jeito e o meu estilo.

Todo ensino e transmissão "devem seguir o caminho de um estilo", diz Lacan em "A psicanálise e seu ensino". Estilo é modo, uso, prática, caráter. O estilo é uma construção de identidade mestiça, se constrói, se faz, se apropria, também pode variar e até mudar. O estilo não é uma variante da imitação, a imitação é uma cópia, reproduz a mesma coisa, o estilo opera por diferença, embora leve elementos comuns nunca é uma cópia carbono, pode ser semelhante, mas há sempre uma característica diferencial. O estilo destaca a práxis de cada analista e permite que a análise seja um trabalho artesanal.

Várias dessas ideias que aqui expressei foram retiradas da minha contribuição na 1ª Jornada de Práxis em dezembro de 2021. Vou terminar esta carta com a mesma frase que termina essa dissertação, é retirada de um relatório que fizeram a Ricardo Rodríguez Ponte,

psicanalista argentino que diz: "o que chamamos de formação deve apontar para alguém formado, por breves momentos, pode pensar não-psicologicamente".

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

LACAN. J. (1957) A psicanálise e seu ensino. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.